

DIÁLOGOS ENTRE JOÃO DO RIO E LIMA BARRETO O OLHAR DA CRÔNICA SOBRE AS MULHERES MARGINALIZADAS DA BELLE ÉPOQUE¹

Gabriel das Chagas Alves Pereira de Souza²
Luciana Nascimento³

RESUMO: O fenômeno da urbe moderna marcou profundamente a vida das grandes cidades europeias no começo do século XX. Nesse panorama, a euforia e o otimismo da Belle époque deram origem aos avanços tecnológicos, à prosperidade econômica e ao luxo das inovações culturais que marcaram esse período. No caso do Rio de Janeiro, as reformas urbanas de Pereira Passos constituem reflexos do turbilhão que se instaurava na grande cidade. Embora o charme da alta sociedade esteja sob os holofotes da Belle époque carioca, há grupos marginalizados e excluídos da paisagem urbana em decorrência da impositiva modernidade que se alastrava pela capital. Nesse sentido, este artigo analisará a imagem da mulher em crônicas de João do Rio e Lima Barreto para que se possa perceber a forma como a Literatura é capaz de expor, detalhar e denunciar a vida daqueles que são fadados ao abandono.

Palavras chave: Literatura, marginalização, mulheres, Rio de Janeiro, modernidade.

34

ABSTRACT: The urban phenomenon has deeply changed the life of big cities in the first decades of the 20th century. In this context, the euphoria and the optimism of Belle époque originated technological advances, economic prosperity and the wealth of cultural innovations that marked this moment. In the case of Rio de Janeiro, the urban reforms of Pereira Passos were a consequence of the whirl that dominated the city by this time. Even though the charm of high society is under the spotlight of Belle époque, there are marginalized groups in the urban landscape due to the strength of modern revolutions. Therefore, this article will discuss the image of women in chronicles by João do Rio and Lima Barreto in order to promote a clear perception concerning the way that Literature is able to expose, detail and denounce the life of those that are doomed to remain abandoned.

Keywords: Literature, marginalization, women, Rio de Janeiro, modernity.

¹ Este trabalho foi realizado com apoio do CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O presente trabalho constitui recorte do projeto de pesquisa “Aveso da Belle Époque.”

² Bolsista PIBIC/UFRJ Graduando em Letras Português/Inglês pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ

³ Docente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Faculdade de Letras da UFRJ. Docente do Depto. de Ciência da Literatura da UFRJ. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre- UFAC. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq- PQ2-

A primeira década do século XX foi para o mundo ocidental, conforme assinalou Brito Broca “um período de euforia de que a civilização brasileira participou vivamente” (BROCA, p. 13). No caso do Rio de Janeiro, não se pode deixar de lado a desenfreada destruição do passado colonial feita pelas reformas de Pereira Passos, que marcaram a sociedade e, portanto, deixaram registros na Literatura daquele momento. A modernização imposta estabeleceu a ruptura com tudo o que não correspondia à paisagem moderna, o que resultou na marginalização de uma parte expressiva da sociedade carioca. Segundo Broca:

Osvaldo Cruz inicia a campanha pela extinção da febre amarela e o Prefeito Pereira Passos vai tornar-se Barão Haussmann do Rio de Janeiro, modernizando a velha cidade colonial de ruas estreitas e tortuosas. Com uma diferença: Haussmann remodelou Paris, tendo em vista objetivos político-militares, dando aos “boulevards” um traçado estratégico, a fim de evitar as barricadas das revoluções liberais de 1830 e 48; enquanto Pereira Passos se orientava pelos fins exclusivamente progressistas de emprestar ao Rio uma fisionomia parisiense, um aspecto de cidade europeia. Foi o período do “Bota abaixo.” (BROCA, p.13)

35

Nessa conjuntura, a crônica foi um gênero literário a alcançar gigantescas proporções em decorrência dos variados jornais que surgem no momento. Assim, é possível, por meio desses textos, ler essa sociedade e o texto cronístico imortalizou as mudanças sociais, geográficas e políticas causadas pela urbanização fez com que tenham sido consagrados, dentre outros, cronistas como Olavo Bilac, Luiz Edmundo, Lima Barreto e João do Rio. No que se refere ao gênero crônica, Antônio Candido, em seu texto *A vida ao rés-do-chão*, permite-nos perceber claramente os aspectos primordiais do gênero. As observações de Candido nos mostram a importância dessas obras no que tange às observações feitas pelos escritores da faceta mais prosaica, cotidiana e popular da vida urbana:

Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.

[...] Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza

ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. (CANDIDO, 1992, p. 13)

Tendo em vista o panorama apresentado, este trabalho fará a leitura das crônicas: *Mulheres detentas*, *As mulheres mendigas*, *Mais uma vez* e *Coisas jurídicas*; as duas primeiras de João do Rio e as demais de Lima Barreto. O objetivo desta análise é por em cena as mulheres excluídas da *Belle époque* carioca. Se o feminino já é grupo historicamente subalterno dentro do patriarcado ocidental, qual poderia ser o papel daquelas que estiveram excluídas do charme dos salões e elegância dos cafés?

Para que possamos responder a este questionamento, é necessário ter em mente, antes de tudo, que ambos os autores foram inovadores e, em certa medida, *avant la lettre* da História Nova iniciada a partir da *Escola dos Annalles*. João do Rio e Lima Barreto antecipam a releitura de uma História, que, até então, era vinculada apenas aos grandes eventos das ciências sociais e põem em cena os excluídos, subalternos e marginalizados. Dessa forma, conseguem criar aquilo que Le Goff chamou de “apogeu do documento e decadência do Monumento”. Tal postura é compreensível ao pensarmos nas vidas de ambos, fortes vítimas de preconceitos raciais e sociais. Bosi ilustra e justifica essa questão ao explicar a obra de Lima Barreto:

A biografia de Lima Barreto explica o húmus ideológico de sua obra: a origem humilde, a cor, a vida penosa de jornalista pobre e de pobre amauense, aliadas à viva consciência da própria situação social, motivaram aquele seu socialismo maximalista, tão emotivo nas raízes quanto penetrante nas análises. (BOSI, p. 338).

Em relação a João do Rio, há, em paralelo aos preconceitos raciais, sua homossexualidade mal vista à época, responsável por mais uma exclusão social. Assim sendo, é fácil entender as razões de ambos enfocarem aqueles que a modernidade apagou da paisagem. Com opinião forte, humor ácido e escrita mordaz; os cronistas tecem críticas às reformas de Pereira Passos, deixando claro um olhar prudente acerca do “progresso”, criando, portanto, uma visão contrária a Olavo Bilac e Luiz Edmundo, ambos entusiastas da modernidade parisiense. A partir daí, podemos começar a leitura das crônicas.

Em *A alma encantadora das ruas*, estão presentes as crônicas *Mulheres detentas* e *As mulheres mendigas*, nas quais João do Rio lança um olhar muito peculiar na crônica-reportagem, gênero em que foi pioneiro. O cronista inovou ao sair às ruas antes que as notícias chegassem à redação do jornal. Com isso, andava pelo Rio de Janeiro observando os variados tipos sociais que habitavam a cidade, deixando clara a ótica do *flâneur baudelairiano*. João do Rio não foi o escritor de paisagens inertes ou das notícias em segunda mão, tampouco jornalista que se contentava apenas com a descrição fria e distante dos fatos. Sua singularidade está na visão múltipla que conseguiu ter sobre o universo da rua, transitando entre os excluídos, sem medo de entrevistá-los. Por essas razões, a obra de João do Rio foi capaz de eternizar a cidade, captando o dinamismo urbano das primeiras décadas do século XX e, sobretudo, denunciando a vida que se escondia pelos becos sujos e ruelas escuras da *Belle époque* carioca. Esse cenário é exposto por Nejar:

Seu livro *A alma encantadora das ruas* é o perfil de uma cidade, retratado por um *dândi*, no sentido de Baudelaire, o que vislumbrou a modernidade antes de Walter Benjamin. Traçou o processo efervescente da então capital do Brasil, suas penúrias e grandezas, com raro dom de observador e vivente, entre visões de ópio, mariposas de luxo, crimes de amor, trabalhadores de estiva e os velhos cocheiros. (NEJAR, p.164)

37

Mulheres detentas é exemplo claro e contundente da natureza de sua obra. No texto, João do Rio cria os perfis das mulheres que se encontravam no cárcere, recriando, em sua escrita, a atmosfera de confinamento e medo na qual elas se encontravam. É interessante pontuar como o autor reconstrói a crônica atribuindo ao texto informatividade e o detalhamento típico de uma reportagem. Além disso, o cronista se posiciona em primeira pessoa, o que corrobora para o efeito de realidade existente na obra, demonstrando como o jornalista havia presenciado os fatos que relatava. Assim, podemos afirmar que João do Rio foi o responsável pela repaginação da crônica e sua infiltração ainda maior nos jornais e na *Belle époque* carioca:

Há atualmente 58, divididas por três salas, uma das quais é enfermaria. À falta de lugares, a promiscuidade é ignóbil nesses compartimentos transformados em cubículos. A maioria das detentas, mulatas ou negras, fúfias da última classe, são reincidentes, alcoólicas e desordeiras. Olho as duas salas com as portas de par em par abertas e fico aterrado. Há caras vivas de mulatinhas com olhos libidinosos dos macacos, há olhos amortecidos de bode em faces balofas de aguardente, há perfis esqueléticos de antigas belezas de calçada, sorrisos estúpidos navalhando bocas

desdentadas, rostos brancos de medo, beijos trêmulos, e no meio dessa caricatura do abismo as cabeças oleosas das negras, os narizes chatos, as carapinhas imundas das negras alcoólicas. Alguns desses entes, lembra-me tê-los visto noutra prisão, no pátio dos delírios, no hospício. É possível? Haverá loucas na detenção como há agitados e imbecis? (RIO, p. 199 - 200)

Ademais, a mescla feita por João do Rio entre Literatura e Jornalismo fez-se notória em decorrência das conversas e entrevistas feitas pelo autor, que se tornavam matéria dos textos literários. Na crônica sob análise, podemos percebê-las:

Falavam uma língua imprevista e curiosa, cuspinhando; e olhando as pobres coitadas, não sabia eu bem se falava a mulheres velhas ou a mulheres novas, de tal forma aquelas faces e aqueles corpos estavam arruinados. Perguntei a uma pardinha cujos dentes eram brancos e que devia ter sido bonita:

— Como se chama?

— Quantos anos tem?

— Francisca Maria.

— Tenho vinte.

E estava havia cinco naquela vida de horror. (RIO, p. 201)

Ao observar a realidade de então, João do Rio lança um olhar duro e, por vezes, alinhado à tradição realista/naturalista no que se refere à forma de focar o submundo da cidade moderna. Ainda que o narrador deixe claro seu amor pelas ruas cariocas, a forma de retratar a cidade não tem como objetivo a idealização da modernidade ou dos tipos humanos que compõem a constelação urbana. O cronista põe em cena o exato oposto, isto é, os avessos da *Belle époque* insistia em mostrar, através de um *flâneur* que cultua as ruas e, assim como faria um pai zeloso ou um amigo dedicado, faz questão de apontar as falhas e agruras que as cercam.

Em relação à sua linguagem, é evidente a preocupação de se manter um tom jornalístico e objetivo na maioria dos casos, isso não impede, porém, que haja momentos em suas crônicas nos quais a língua é trabalhada de maneira poeticamente singular. Enquanto as descrições e entrevistas aproximam a obra de João do Rio do Jornalismo, essas passagens confirmam que os textos do cronista são, inegavelmente, Literatura. Um exemplo claro da linguagem literária do jornalista está na crônica sob análise, no trecho em que o narrador caracteriza o ambiente externo às celas: “Fora o sol enchia todo o pátio de um esplendor de puro líquido” (RIO, p. 205). Podemos acrescentar, ainda, o desfecho da crônica *Os que começam...*, também presente em *A alma encantadora das ruas*, em que João do Rio traça um cenário da infância abandonada ao abordar as crianças de rua:

Os desgraçadinhos, na tarde chuvosa, pareciam transidos. O vento fustigava-lhes as carnes seminuas e eles, agarrados uns aos outros, na fraternidade do sofrimento, sem pai, sem mãe, sem amparo, erguiam os olhos para o céu numa angustiosa súplica. (RIO, p.170).

Paralelo à crônica anterior, o texto *As mulheres mendigas* também aborda a posição do feminino dentro do submundo criado pela Modernidade. Dessa vez, no lugar de explorar a condição das presidiárias, João do Rio debruça seu texto sobre as mulheres pedintes das ruas. Na crônica, se esboça um inventário de suas vidas e a relação que estabelecem com a cidade, os demais habitantes e as leis. Vale ressaltar que o olhar arguto do jornalista não generaliza o grupo de mulheres, como também não apresenta uma visão distante e impessoal. João do Rio consegue perceber, em meio às mulheres mendigas, que há aquelas que se satisfazem aplicando golpes e outras sofrem com a verdadeira miséria. A fina precisão da crônica ao distinguir subgrupos dentro da mendicância nos deixa claro como João do Rio foi capaz de incorporar às ruas do Rio de Janeiro o real espírito do *flâneur* que observa cada reentrância da cidade:

Ao passar por essa gente sentem todos o fraco egoísmo da bondade e, cinco ou seis dias depois de as conversar, percebe-se que esmolar é apenas uma profissão menos fatigante que coser ou lavar — e sem responsabilidades, na sombra, na pândega. A maior parte dessas senhoras não tem moléstia alguma; sustenta a casa arrumadinha, canja aos domingos, fatiotas novas para os grandes dias. (...) Do fundo desse emaranhamento de vício, de malandragem, gatunice, as mulheres realmente miseráveis são em muito maior número que se pensa, criaturas que rolaram por todas as infâmias e já não sentem, já não pensam, despidas da graça e do pudor. Para estas basta um pão enlameado e um níquel; basta um copo de álcool para as ver taramelar, recordando a existência passada. Vivem nas praças, no Campo da Aclamação; dormem nos morros, nos subúrbios, passam à beira dos quiosques, na Saúde, em S. Diogo, nos grandes centros de multidões baixas, apanhando as migalhas dos pobres e olhando com avidez o café das companheiras. Eu encheria tiras de papel sem conta, só com o nome dessas desgraças a quem ninguém pergunta o nome, senão nas estações, entre cachações de soldados e a pose pantafaçada dos inspetores; e seria um livro horrendo, aquele que contasse com a simples verdade todas as vidas anônimas desses fantásticos seres de agonia e de miséria! (RIO, p.158 - 161)

39

No texto sob análise, é possível observar, mais uma vez, como João do Rio incorpora ao texto literário as entrevistas feitas pelas ruas. Além de aproximar a reportagem da crônica e inovar o gênero, como já foi observado anteriormente, essa característica de sua escrita ratifica a exclusão social dessas personagens. Isso ocorre porque as pessoas entrevistadas são elementos subalternos da paisagem urbana da *Belle époque* e os jornais, de

uma maneira geral, não se preocupavam em enfocá-las em meio ao furor da Modernidade que se apossava do Rio de Janeiro. A Literatura de João do Rio consegue desempenhar uma função primordial de todas as artes, que é preencher as lacunas deixadas pela História. Existem vozes que são caladas pelo discurso historiográfico e só conseguem encontrar palco e, de alguma maneira, se manter vivas para a posteridade através do discurso literário. Esse movimento de enfoque sobre personagens marginalizadas fica ainda mais evidente nas entrevistas transcritas na crônica em questão quando o autor esclarece o espanto dessas mulheres ao vê-lo, dado que não estão acostumadas a serem sequer vistas, muito menos entrevistadas:

Eram amorosas exploradas, ardendo ainda em raiva passional, eram vítimas do caftismo sentindo no lábio o freio de lenocínio, eram cocottes do chic, escalavradas de sífilis, na dor do luxo passado, e velhas, velhas sem pecado, que a miséria, a ingratidão e a misteriosa fatalidade desfaziam nos mais amargurados transes. Nunca os descabelados românticos imaginaram tão torvos quadros.

Já quando se lhes pergunta o nome com bondade, a surpresa estala em choro. (...)

— Josefina Veral, sim, senhor. Vim como criada. Um homem raptou-me; vivi com ele seis anos. Entreguei-me à prostituição explorada por dois malandros. Roubavam-me, a moléstia acabou a obra... Não posso trabalhar. E de dentro de sua negra boca saem descrições satânicas da vida que a inutilizara. (RIO, p. 162).

40

Na mesma conjuntura, Lima Barreto lança seu olhar irônico e crítico sobre a falta de direitos das mulheres no início do século XX. Para observá-lo, as crônicas *Mais uma vez* e *Coisas jurídicas* serão postas em cena, publicadas, respectivamente, em 1920 pelo jornal *A.B.C* e 1921 pela revista *Careta*. Tratam-se ambas de obras curtas que nos fornecem bem a “percepção crítica que tinha o escritor de seu tempo, da cidade que atravessava diariamente, da organização social na Primeira República e do quadro mundial sacudido por guerras e revoluções” (RESENDE, 2004). Por essas razões, o olhar de Lima Barreto nas duas crônicas sobre as mulheres marginalizadas complementa a escrita de João do Rio e se coaduna a ela.

Na primeira dessas crônicas se esboça uma reflexão bastante crítica, profunda e atemporal a respeito da violência contra a mulher. Lima Barreto mostra-se sintonizado com os problemas mais sutis de seu tempo por tematizar o feminicídio, tema tão debatido na sociedade contemporânea e, além disso, expor o lado hipócrita da sociedade conservadora de seu tempo. No texto, o

vínculo da crônica com o jornal fica evidente no que tange ao tom informativo que o autor utiliza ao tratar o caso. Embora essa relação não seja tão inovadora quanto no caso das entrevistas do *flâneur* João do Rio, podemos perceber de forma clara a crônica como produto da modernidade e, conforme assinala Antonio Candido, “filha do jornal e da era da máquina” (CANDIDO, 1992, p.14). Assim como faria uma reportagem, aborda-se um assassinato ocorrido na Rua da Lapa, cuja vítima, ao que parecia, era uma mulher adúltera:

Este recente crime da Rua da Lapa traz de novo à tona essa questão do adultério da mulher e seu assassinato pelo marido. Na nossa hipócrita sociedade, parece estabelecido como direito, e mesmo dever do marido, o perpetrá-lo. Não se dá isto nesta ou naquela camada, mas de alto a baixo. (BARRETO, p. 251)

É importante pontuar, ainda, que a discussão proposta por Lima Barreto é à frente de seu tempo em outro aspecto. Parte importante do movimento feminista, que tomou grandes proporções nas últimas décadas do século XX, é a constante desconstrução de ideais cristalizados pela sociedade patriarcal. Ressalte-se que esse é um dos assuntos muito debatidos pelos setores ativistas da sociedade contemporânea, ou seja, o combate ao machismo propagado pelas próprias mulheres, isto é, as atitudes que disseminam preconceitos enraizados na sociedade. Lima Barreto, décadas antes da eclosão do Feminismo, consegue deixar claro que esse tipo de mentalidade precisa ser combatido:

Não havia uma que tivesse compaixão da sua colega da aristocrática classe. Todas elas tinham objurgatórias terríveis, condenando-a, julgando o seu assassinio cousa bem-feita; e, se fossem homens, diziam, fariam o mesmo - tudo isto entremeado de palavras de calão obsceno próprias para injuriar uma mulher. Admirei-me e continuei a ouvir o que diziam com mais atenção. Sabem por que eram assim tão severas com a morta? Porque a supunham ser casada com o matador e ser adúltera.

(...)

Seja, porém, como for, não digo que todos os adultérios são perdoáveis. Pior do que o adultério é o assassinato; e nós queremos criar uma espécie dele baseado na lei. (BARRETO, p. 251 – 253)

Por fim, temos a quarta e última crônica a ser observada, na qual Lima Barreto retoma o mesmo assunto. Publicada no ano seguinte de *Mais uma vez*, o texto *Coisas jurídicas* demonstra a preocupação do cronista em relação à questão das mulheres. Nesse texto, o autor lança seu olhar sobre a forma como as leis tratam essas situações, o que o leva a ironizar a legislação brasileira e

apontar suas incoerências. Tendo em mente o que postulou Walter Benjamin, sobre a história dos vencidos, podemos dizer que a Literatura de Lima Barreto é capaz de narrar a “história dos vencidos”, sendo possível perceber, portanto, que o cronista deu passagem à voz das mulheres silenciadas pelas convenções jurídicas e sociais:

Surgiu uma situação onde a bodega de lei dança uma dança macabra com a justiça e a razão. Relembro um pouco. Um sujeito qualquer que descobre a mulher em flagrante adultério. Tenta matá-la à faca; o amante se interpõe e o marido o mata. Bem. Até aí, nada de novo.

O que de novo aparece, é o código civil ou criminal ou lá que for. Qualquer de um desses famosos calhamaços diz que a essa pobre mulher que escapou de ser morta, e, se o não foi, deve-o à generosa coragem do seu amante; a essa pobre mulher o calhamaço dá direito ao matador *manqué* de processá-la e arranjar a sua condenação a um ano de prisão celular.

Ora bolas! O que é mais grave é o adultério ou a tentativa de assassinato? Então o tipo que me mata ou tenta matar-me porque furtei um pão à sua padaria, pode processar-me por crime de furto?

Então eu que atiro e firo o gatuno que me vai furtar as galinhas do quintal, posso processá-lo por crime de furto?

Já se viu uma coisa dessas?

Essa jurisprudência é uma coisa muito engraçada! (BARRETO, p.318)

Foi possível observar ao longo da leitura das crônicas que tanto João do Rio como Lima Barreto buscaram tematizar os avessos da sociedade carioca do início do século XX. Devido a esses registros, tornou-se possível conhecer o lado obscuro e ignorado da *Belle époque*, que por seu turno, tem sido enfatizada em seus aspectos burgueses, ou seja, sob o prisma da “história dos vencedores”. Nessa ótica, o cárcere, a mendicidade, o feminicídio e a lei excludente são aspectos que sintetizam e ilustram essa questão e são, sintetizam as relações sociais no Brasil de ontem e dessa forma, também no Brasil de hoje e é a escrita literária que, de certo modo, ilumina a história dessas mulheres “ulceradas, sujas, desgrenhadas, com as faces intumescidas e as bocas arrebetadas pelos socos” (RIO, p. 161). Assim sendo, João do Rio e Lima Barreto são guardiões da memória brasileira, ao iluminar um reino clandestino sem voz, sem espaço e sem nome.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Lima. *Toda crônica: Lima Barreto*. Apresentação e notas Beatriz Resende; organização Rachel Valença. – Rio de Janeiro: Editora Agir, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, Arte e Política*. Ensaios sobre Literatura e história da cultura. Vol.1. São Paulo: Ed.Brasiliense, 1987.

BOSI, Alfredo. *Pré-Modernismo e Modernismo*. In: *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo. Editora Cultrix, 2006.

BROCA, Brito. *Vida literária no Brasil - 1900*. Editora José Olympio, 2005.

CANDIDO, Antonio, *A vida ao rés-do-chão*. In: *A crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, Campinas/ Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pp. 13-22.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____ *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão (et al.). Editora da Unicamp, Campinas, 1990.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. [Ed. Especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Saraiva de bolso).

RESENDE, Beatriz. *Toda crônica: Lima Barreto*. Apresentação e notas Beatriz Resende; organização Rachel Valença. – Rio de Janeiro: Editora Agir, 2004.

NEJAR, Carlos. *Lima Barreto e João do Rio: o reino marginal*. In: *História da literatura brasileira*. São Paulo. Editora Leya, 2011.